

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsável: José Francisco da Silva

Barcellos, 9 de dez. de 1899.

Red. e offic.: Typographia Barcelense

Mez, 40 réis; trimestre, 120; Anno, 49

COUSAS VELHAS

E' o comer do meu querido amigo padre Rosa este guisado de cousas velhas.

Pois vá lá a caçoula para sobre a trempe, aonde estavam fervendo folhas de papel sellado, para aculir á fume da «Lagrima» que quer amanhã, por força, um prato de—cousas velhas!

Fallou-me o padre Rosa, em os seus apreciáveis linguados, no velho Ferreira, sergueiro na rua Direita.

Habitava o velho, que nós não conhecemos, uma casa terrea, que hoje é torre e de tres andares, e que pertence á familia do extincto negociante João José Martins.

Era excentrico; vivia só; fallava muito mal, quer dizer proferia palavras obscenas por habito, por costume, e os seus polengos tinham todos nomes obscenos; quando qualquer frequência o procurasse, para lhe fazer uma obra,—perguntava: *se era ali que morava o Sergueiro, que fallava muito mal!*

Tomava rapé; ninguem lhe mettia os dedos na caixa, senão o fallecido José Alves Redondo da Cruz.

Ao passar o Ferreira pela loja do velho Redondo pedia-lhe uma pitada, e, no regresso, pagava logo, offerecendo ao seu amigo uma pitada da caixa d'elle, porque, dizia, não queria ficar por caloteiro.

Usava caixa redonda, das que acabaram nas mezas de voltarete com tentos para o jogo; era então esse o feitio das caixas do tabaco e do rapé.

Um bello dia, dous parceiros, que se entretinham em cavaquear junto ao carvalho da ponte em Barcellinhos, ao passar o Ferreira para a villa, apostaram-se um pinto, em como se não pilhava uma pitada ao Ferreira.

Um d'elles aceitou a aposta, e correu sobre o Ferreira, com o rosto entallado entre as mãos, e, lamuriando-se, por estar soffrendo uma terrível dôr de dentes, pediu-lhe uma pitada.

—«E passa-lhe a dôr, diz Ferreira, com uma pitada?»

—«Sim, senhor, é remedio certo.»»

—«Pois bem, replica Ferreira, vá ali á loja do Giro, compre dez réis de rapé; é barato lhe fica o vér-se livre da dôr de dentes.»

Malgrado o finorio, emquanto que o parcei-

ro o espreitava da outra banda da ponte, viu-se em a necessidade de dar, ao Ferreira, a razão do pedido da pitada.

—«E' porque aquelle sujeito apostou commigo um pinto em como eu não apanhava uma pitada ao sr. Ferreira; e, se o sr. me der a pitada, eu dou-lhe dose vintens, e fico com outros dosel!»

—«Ah! diz Ferreira, isso, agora é outro modo de fallar!

Desembuça-se do capóte, tira a caixa do bolso, ródá a tampa, abre a caixa, que cobre de novo com a face da tampa; e, com esta voltada do avêso, diz, ao ponto, pacatamente:

—«Faça que tome!»

Nem assim Ferreira consentiu que lhe mettessem os dedos na sua bocêta do rapé. O parceiro chega, de dedos bem presos, junto do apostante, mas o pinto, que recebeu, foi de gargalhadas, que o companheiro soltava pela comedela do acceitante da aposta, e pela boa partida do Ferreira.

Não é anedocta; isto é authenticico, e asseverado por um contemporaneo do Ferreira, cujo testimonhe eu tenho na mais alta consideração.

Tenho mais coisas do Ferreira, que contarei em outra occasião.

Agora, meu Soucasaux, se quizeres uma chroniqueta mais extensa, bate-me á porta em outra occasião; n'esta, francamente, só sendo assim:—*faz que... tome!*...

Archeologo

De Espozende encheram-nos o olho com o relato dos espaventosos discursos—e mais ingrédientes—pronunciados para engrandecimento da oratoria nacional e dos deputados da real nação portugueza.

Nem os boers, nem os inglezes, tem gasto tanta metralha nas luctas travadas ultimamente, como gastaram com a sua eleição os espozendenses:

2 duzias de foguetes
69 discursos
6 centas raías
1 e meia pipa de vinho
2 cestos de maçãs.

*

Ao mesmo tempo que tudo isto se digería—discursos e comestiveis—consolava-nos a alma

A LAGRIMA

O vêr como aquelle bom povo visinho se via satisfeito com a sôrte da sua eleição.

Os regeneradores alcançavam no concelho uma maioria de votos sobre os progressistas e batiam palmas de contentes; os progressistas, alcançavam, tambem, no circulo 16, a victoria do seu deputado, e palmas batiam.

Ora digam-nos, francamente, se pôde haver maior felicidade n'este mundo, concedendo a lei uma sôrte d'estas—única!—ao povo da raia e da lagosta!...

*

Como a alegria transtornou muitos espiritos, não admira, pois, que o conego Morgado— orador popular—(muito modesto, por signal) se entusiasmasse n'um discurso, desfiando o rosario dos beneficios dispensados pelo partido do nosso querido amigo José Luciano, ao concelho de Espozende.

—«Meus senhores, devemos ao partido progressista: a escola Rodrigues Sampaio, a comarca, o salva-vidas e, sobretudo, esta ponte de ferro *internacional*, que liga Fão a Espozende.»

Fiquem-n'o sabendo, todos. Não é só *internacional*, por estar *inter*, entre nações, uma ponte como a que liga, em Valença, Portugal á Hespanha. E' o, tambem, a de Espozende...

Inter, entre (Fão e Espozende). Demais ella é *nacional*.

Afinal, conego Morgado, todos os caminhos vão dar a Roma.

Até á vista!

Z'ora vivam os victoriosos de Espozende!!!

Houve uma *saragata* com o Villa Secca, sendo elle preso por o cabo Caganito.

Apareceu o Malhado, que é muito valente, e saccou das mãos d'aquella *petit maître*... auctoridade o infractor de leis d'este paiz.

No dia immediato a este caso, o Malhado quiz compôr tudo, promettendo a gratificação de 2:500 réis, visto ter commettido um desrespeito auctoritario.

Muito em segredo, o Malhado distribuiu 1:600 ao Caganito para *calar* todos, o que tudo se fez na melhor ordem.

Chamadas as *partes*, gastou o Caganito—vinho, duas canadas; pão, três borôas; bacalhau, quatro arrateis; batatas, idem, e azeite, meio quartilho. Total da despeza, 720 réis.

Ha um saldo a favor do cabo Caganito, de 880, que as testemunhas querem ver consumidos nas suas entranhas, com pena de a *cousa* ir por diante.

Vieram a esta redacção cavalheiros de varios officios e artes, desde a de *cartas na moza*, até o de alfayate, dizer que, tambem, são gente e querem dos 880.

O caso é complicado.

O Villa Secca bem dizia, no acto da prisão: «Minha mãe é preciso que se saiba que a honra d'um homem vale mais que a d'uma mulher.»

... E vale alguma cousa a honra do cabo, do Malhado, das testemunhas, mais que a d'uma mulher?

Responde o Caganito:

A honra é toda uma. Porém podendo eu ganhar dinheiro a fazer barbas, copos de illuminação e a compôr *partes*, não prejudicando ninguem, a honra é toda uma.

«Quem ha ahi que não goste de dar o seu tiro? Pegar na caçadeira, molhar os pés, correr meio concelho, não matar nada, chegar, porém, a casa com appetite devorador e entrar no cosido como um dragão é cousa bem apeteceivel, melhor do que coçar os fuudilhos das calças na palhinha ou taboa do banco de qualquer café, n'uma ociosidade enervante.

N'esta ordem de ideias um cidadão votante de Barcellinhos saiu ha annos aos tórdo e depois de ter andado muitas lagoas, suar os pés, romper as meias, despejar infructiferamente a espingarda uma duzia de vezes, conseguiu matar uma d'aquellas aves!

Se não se recolheu a casa satisfeito, tambem não retirou triste, louvado Deus, na esperança de cair nos braços de sua carinhosa esposa e passar ao *estreito* a sua humilde refeição.

Porém o homem põe, Deus dispõe e o Diabo arma-as. Atrinou caçador com o correão p'r'o lado e apressou-se a sua mulher em apanhal-o:

—«Homem! Pois tu só mataste uma tordeia?»

—«Isso não é uma tordeia mas um tordo; é facil distinguir...»

—«Não, acede a cara metade, apontando p'r'o passaro, isto é uma tordeia.»

—«E' tordo.»

—«E' tordeia.»

—«E' tordo.»

E... palavra pucha palavra, os animos azo-daram-se. O caçador foi direito ao corpo da mulher e fez d'elle um malhadouro.

No dia que fazia um anno—o exito da... pancadaria, teimosia e caçada, voltou a mulher a repisar no assumpto:

—«Ai homem, homem! Faz hoje um anno que me bateste por eu dizer que era uma tordeia aquella peça de caça que mataste.»

—«Que queres? E estou na minha. Era tordo.»

—«Isso é que não; era tordeia.»

—«Mas; era tordo.»

—«Era tordeia.»

—«Era tordo.»

O marido zupou-lhc. A esposa pagou os juros da *móza*.

Isto das mulheres ser teimosas em regra—levaram um marido a procurar o p'ra cima da

A LAGRIMA

corrente d'um rio, a sua esposa, afogada...

—«Então o sr. em vez de procurar o cadaver ó p'ra baixo, na corrente do rio, procura-o ó p'ra cima.»

—«E' que ella, respondeu o marido, era tão teimosa que até depois de morta era capaz de ir contra a corrente...»

Era por ahí meia noite, na passada semana, caminho Trás da Praça—as paredes têm ouvidos—e vinham do Hotel Franqueira (vulgo Mirólho), os maestros Biscaya e Cara-Alta.

—«Eu cá,dizia o Cara-Alta, sou um bom bombo; tóco symphonias sem regencia e você também é um bom mestre.»

—«Tem razão, porque a rectaguarda dos Bombeiros não toca de cór a *louc*. Elles (os Bombeiros) hão de saber que deram com um cara de vergalho...»

E chovia, por todas as fórmãs.

Piada—Conta dos cavallos.

«Sobeija 105 reis para despezas; particulares.»

—«O' sr. mestre, então você altera a distribuição dos quarteirões?»

Resposta por escripto:

«Quem manda é o mestre da musica e quem não quizer não asseita.»

«O que vale é não haver em Barcellos quem saiba apreciar muzica.»

São muzicos...

Enygma—Assente-se. Olhe que eu prendo-os! Que está ahí a fazer essa testemunha? O' official, feche já essas portas. Eu mando buscar uma força ao quartel... O sr. fica prohibido de aqui vir mais. Vamos a isto depressa.

No penultimo domingo o Augusto Viajante tinha os carros todos em Espozende não se lembrando ficar com um para levar o correio á estação.

Foi o homem das palhadas, de carapuça no toução e descalço, montado em burro disponível, o encarregado do transporte das malas, porém o animal ou porque se espantasse de ver a barriga do Antunes relojoeiro, ou se julgasse humilhado em fazerem d'elle alcoviteiro, levando no dórso alguma carta de namôro, o que é certo é que o bicho chegou ao meio da rua Direita e nem p'ra traz, nem p'ra diante.

As horas do comboio appróximavam-se. O encarregado do serviço telegrapho-postal fazia d'uma janella d'esta, signaes ao homem que seguisse. Vieram depois, em cabello, carteiros, juntou-se povo e todos a uma voz—como o

Praina no theatro—*é a hora, é a hora*. O mesmo exito! Pancada e mais pancada e o animal nada...

Depois de muito suados, o burro e o homem, chegaram a salvamento, e talvez bebessem no Restaurante da estação meio quartilho de branco cada um, por causa do susto...

Está trabalhando n'esta villa uma companhia de cavallinhos, composta de artistas tanto nacionaes como estrangeiros.

Um tem o nariz esmurrado por um dia tentar extrair com elle a rolha d'uma garrafa de champagne, contendo o frieirica vinho branco, na casa do insigne republicano João Oliveira.

Os demais se não são bonitos de todo, também não são feios.

Convem apresentar aos meninos e meninas—nossos leitores—o retrato da vacca que, se não é historica como a do Pisco que morreu, é uma artista que não deshonra os demais collegas da Companhia equestre, de que ella faz parte.

Pela clareza com que está feita a gravura, ficarão os nossos infantis apreciadores da «Lagrimeira» a saber distinguir uma vacca d'um boi, quaes naturalistas.

E', pois, uma vacca isso que ahí fica.



Agora faltariam a um dos mais solemnes deveres, se n'este solemmissimo momento deixassemos na córte, perdão, no olvido, a figura sympathica da cabra, que, sobre garrafas faz equilibrios varios.

Ora poderá sêr—nossos queridos meninos e meninas—que é o animal da companhia cujos trabalhos menos admiramos? A cabra, pela sua especial natureza, sóbe e equilibra-se no mais escarpado, no mais aguçado ponto das serras, contanto que lhe esteja ao alcance, de sobre o rachitico apoio, o vegetal que seja das suas relações de estomago.

Espantamo'-nos muito mais quando, na politica ou no meneio de qualquer negocio, nós

A LAGRIMA

vêmos tanto imbecil, tanto animal racional, abarrotar na fraude na trapaça, conseguindo fazer *equilíbrios* no meio social em que vive, de forma que se affigure um homem honrado!...

Reflectam bem; vejam, no entanto, como com as garrafas o bicho se equilibra, quando tanta gente racional com... as garrafas se desequilibra.



Já dizia Job que nenhum animal era tão altivo, tão elegante, como o cavallo.

Terão os leitores alguma cousa que dizer ao porte gentil d'essé quadrupede?

Que perfeição de formas, de contornos!

Só a paciencia de mr. Marianny conseguiria tornar mais saliente a plastica do bucephalo, obrigando-o a executar habilidades apreciaveis.

Somos a dizer que o animal trabalha como gente, quando tanta gente trabalha como um animal.

*
Hoje ha variado espectáculo no circo e esta-



mos certos que só faltará lá quem tenha reumatismo agudo ou falta de *arame*.

Estamos na temporada dos serrabulhos e dos jantares em familia.

Bôas occasiões para brindes e finas piadas.

De muitas notas pintorescas temos conhecimento, vindas de varias partes do concelho; a mais palpitante é a que se segue, filha do bom humor juvenil d'essas intimas refeições.

—«Creia, sr. Borges, dizia espirituosamente o Braga, vae muito o sabor da carne da qualidade da morto que soffreu o animal de que ella provém. Este coelho manso, que ora comemos e necessariamente foi morto a *gibatadas* detraz das orelhas, se o fosse a tiro no monte, teria sabor a coelho bravo. O mesmo phenomeno se dá com a gallinha domestica morta n'estas condições, que fica a saber a gallinhola.»

Depois indagou Borges tamanho de aves, desde o avestruz até á mais pequenina:

—«Para mim, affirmava elle, o passarinho mais pequeno é o canario.»

—«Não, retorquiu Braga em ar de pandegabilidade, o mais pequenino passarinho é a mosca.»

—«Mas, perdão, a mosca não é uma ave!»

—«*Destingó*. Diferençam-se as aves dos mamíferos pelas asas. Logo, as moscas têm asas, são passaros e passaros mais pequenos do que os canarios.»

... Sempre ha cada passaro mais *bisnau*.

A' caridade

A's almas caridosas lembramos a pobre Maria da Silva, moradora na rua Nova de S. Bento n.º 37. A infeliz vê-se a braços com a tísica e com dous filhinhos sem pão.

Uma esmolá bem empregada.

A assignatura da 'Lagrima', pelo correio, custa annualmente 500 réis.